

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME II-III



UNIVERSIDADE DE COIMBRA
1960-61

CASTRO DE VILA NOVA DE S. PEDRO

XIII — RECIPIENTES DE OSSO E DE CALCÁRIO

Uma das mais curiosas indústrias de osso do castro de Vila Nova de S. Pedro, é sem dúvida a do fabrico de pequenos recipientes, na sua maior parte ricamente ornamentados e que se presume tivessem servido para guarda de produtos de beleza feminina.

Talhados num cúbito ou tibia de ruminante, estão providos, no geral, de uma gola ou chanfradura, situada imediatamente abaixo do bordo superior, a que se prenderia com um fio qualquer matéria capaz de preservar de contactos exteriores e mesmo evitar derramamento do conteúdo.

A parte inferior estaria sempre obturada com uma espécie de rolha, a julgar por alguns dos seus similares de calcário, providos de fundo.

Para um melhor estudo destes recipientes de osso, poderíamos dividi-los em três grandes agrupamentos:

1. ° — Recipientes sem enfeite algum, em que o trabalho humano apenas está representado nos cortes existentes nas duas extremidades;
2. ° — Recipientes que além do trabalho anteriormente referido, apresentam um sulco ou gola junto da abertura superior;
3. ° — Recipientes que apresentam, além de tudo isto, a face exterior coberta de ornamentações.



Analisando o recipiente do primeiro grupo, Fig. 1, 7, somos de parecer que não dispomos de elementos que nos permitam afirmar com segurança, se se trata de artefacto cujo fabrico foi apenas iniciado, ou de obra mais rudimentar.

À primeira vista parece de aceitar a hipótese de um objecto em fabrico, mas o facto de nas grutas artificiais de Palmeia, monumentos sepulcrais, se terem recolhido elementos de três vasitos deste tipo sem gola ou desenho, leva-nos a admitir também a ideia de se tratar de uma peça mais grosseira.

Se lançarmos os olhos sobre a etnografia — não etnofantasia, — popular das regiões nortenhas, notamos que os artistas campesinos ainda hoje fabricam alguns objectos, como por exemplo espichas, relhos, e lançadeiras, que são cuidadosamente trabalhados quando se destinam a uma rapariga, a uma namorada ou ao enxoval de uma noiva, mas não tem o menor enfeite se a sua destinatária é incapaz de inspirar paixões. (1)

Ora Vila Nova de S. Pedro é, para a época, um povoado fortemente industrial e entre os seus artefactos Uticos, há muitos que não foram acabados e outros encontram-se simplesmente esboçados.

O facto de o referido vasito apresentar uma altura superior à de todos os outros e o de não ter sido sujeito à acção do fogo, quando os restantes exemplares foram queimados para lhes dar maior beleza, leva-nos a preferir a hipótese de se tratar de um objecto em fabrico.

*

Os exemplares do segundo grupo, bem como os do terceiro, foram todos queimados, e esta particularidade dá-lhes uma cor escura ou acinzentada, quando não esbranquiçada, bastante agradável à vista.

Os vasitos sem desenho até agora identificados, n.ºs 2-10 da Fig. 1, n.ºs 8, 9, 12 e 15 da Fig. 2 e n.ºs 1 e 7 da Fig. 3, alguns deles mediante pequenas amostras, foram rigorosamente seleccionados quanto a cor e espessura, entre vários outros fragmentos.

Se o desejarmos ainda poderemos aqui estabelecer duas subdivisões :

- á) — exemplares cuja gola é formada por um simples sulco em cana. N.ºs 2-8 e 10 da Fig. 1, n.º 15 da Fig. 2, n.º 1 da Fig. 3.

(1) Afonso do Paço, «Relhos, espichas e lançadeiras», *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, vol. V, Porto, 1932.

- b) — exemplares com a gola ampliada por uma série de ressaltos em degrau, n.^{os} 8, 9 e 12 da Fig. 2.

Foge a esta regra, talvez por ter perdido o rebordo superior, o n.^o 9 da Fig. 1.

*

Os exemplares do terceiro agrupamento são quase todos de desenhos à base do reticulado, de malhas mais ou menos apertadas e de maior ou menor obliquidade, Fig. 2, n.^{os} 1, 2, 6, 10, 11 e 14.

No n.^o 3 da Fig. 2 e 9 e 10 da Fig. 3, o reticulado largo está interrompido por linhas verticais e paralelas, que descem da gola até à parte inferior do recipiente.

No n.^o 19 da Fig. 2 o reticulado é mais estreito e certas verticais que se notam ou adivinham, apresentam entre si um tracejado ligeiramente oblíquo.

Os exemplares n.^{os} 4 e 5 da Fig. 2, estão recamados de zigue-zagues sobre a horizontal e o n.^o 18 da Fig. 2 e n.^o 8 da Fig. 3 apresentam os mesmos motivos sobre a vertical, com as reentrâncias menos acentuadas no primeiro.

O n.^o 13, da Fig. 2 apesar de ter por base, como os anteriores, as linhas rectas, apresenta rectângulos de pequenas dimensões com o interior reticulado.

O n.^o 4 da Fig. 3 tem a face exterior provida de desenhos em espinha, limitados por duas paralelas que correm da gola ao fundo do vaso.

Foge a todo este conjunto de desenhos, o exemplar n.^o 7 da Fig. 2. A face externa, muito brilhante, está recamada de círculos, constituídos por uma ligeira depressão entre as duas pequeninas circunferências. A mancha central desta ornamentação contém o mesmo polimento do restante do vaso.

*

São estes os exemplares de pequenos recipientes de osso, até hoje recolhidos nas escavações do castro de Vila Nova de S. Pedro, e que constam das colecções existentes no Museu Arqueológico do Carmo, sede da Associação dos Arqueólogos Portugueses, excepto os n.^{os} 7, 8, 9 e 10 da Fig. 3, que pertencem ao Museu de Alenquer, onde se encontram os materiais recolhidos por H. Cabaço em 1936.

*

Sem ter ligação com os objectos anteriores, há um pequenino recipiente da mesma substância, aberto na extremidade de um osso longo, sem gola ou qualquer desenho lateral e fechado na parte inferior. Fig. 3, n.º 5.

*

Ao lado dos recipientes de osso, encontramos dois outros de calcário, que por pertencerem a este mesmo grupo de utensílios, os referiremos aqui em especial.

São eles os n.ºs 2 e 6 da Fig. 3.

O primeiro é de pequenas dimensões, fechado na base, o que nos diz que todos os outros recipientes de osso seriam obturados na parte inferior.

A não ser uns ligeiros sulcos na altura da gola, tem as paredes laterais completamente lisas.

Não o esviasamos das terras que contém, esperançados de que um químico nos possa um dia dizer alguma coisa sobre elas. Por este motivo não nos é possível dar o seu perfil.

O n.º 6 é de maiores dimensões que os anteriores, e além dos sulcos da gola, apresenta as paredes laterais cobertas com um reticulado que podemos comparar com os n.ºs 2, 11 e 14 da Fig. 2.

É também fechado na parte inferior, como o n.º 2.

A maior capacidade deste recipiente, justifica-se pela facilidade de trabalhar a matéria prima. Nenhum osso de bovídeo permitiria um vasito igual.

*

Por terem certa semelhança com os desenhos de alguns recipientes referidos, damos ainda notícia de dois fragmentos de placas de osso, delgadas e planas, com as duas faces ornamentadas. São os exemplares n.ºs 16 e 17 da Fig. 2.

A primeira, n.º 16, tem de um lado um reticulado oblíquo, e do outro um zigue-zague pouco pronunciado.

Na n.º 77 as ornamentações são mais complicadas e estão como que confinadas em rectângulos.

O desenho do rectângulo superior da esquerda contém motivos concêntricos, e o inferior um zigue-zague pouco profundo.

Este último motivo repete-se na parte superior direita, que contém inferiormente um reticulado oblíquo de malhas apertadas.

Trata-se de uma peça com desenho muito perfeito.

Sofreram ambos estes fragmentos a acção do fogo, e por isso estão ligeiramente torcidos aos lados. Não são vulgares, na arqueologia do tempo, peças semelhantes que acusem um tão elevado grau de sensibilidade artística.

*
* *

Vistos os recipientes de osso e de calcário recolhidos no castro de Vila Nova de S. Pedro, passemos agora ao seu paralelismo em estações portuguesas desta mesma civilização.

Em nenhuma delas se encontrou, até hoje, a mesma profusão destes utensílios, o que se justifica pelo facto de Vila Nova ser um povoado industrial e os outros exemplares se terem recolhido em monumentos sepulcrais, isto é, fazendo parte do mobiliário que se depositava junto dos mortos.

Assim, nas grutas do Poço Velho, em Cascais, recolheu Carlos Ribeiro um exemplar todo liso, apenas provido de simples gola, durante as escavações realizadas em 1876(2).

Nestas mesmas grutas, durante uma operação de limpeza a que procedeu a Junta de Turismo em 1946 e 1947, achou-se um novo exemplar, em tudo idêntico ao primeiro (3).

Maximiano Apolinário, dá-nos notícia de dois vasitos da necrópole do Vale de S. Martinho, em Sintra (4), um dos quais ornamentado (5). Contudo, há ainda fragmentos, de um terceiro exemplar sem desenho.

(2) Afonso do Paço, «Grutas do Poço Velho ou Cascais», *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, tomo XXII, Lisboa, 1942, pág. 25, est. XXI.

(3) Afonso do Paço, Maria de Lourdes Bártholo e Augusto Brandão, «Novos achados arqueológicos das grutas de Cascais», *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia*, vol. I, Lisboa, 1959, pág. 154.

(4) Maximiano Apolinário, «Necrópole do Vale de S. Martinho», *O Arqueologo Português*, vol. II, Lisboa, 1896, pág. 216.

(5) Georg und Vera Leisner, *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel*, Berlim, 1943, Tafel 160, 5.

No Museu Etnológico existem ainda dois fragmentos recolhidos na anta de Belas (6), que estão desenhados, além de um outro, sem desenho, do Barro (Torres Vedras).

No Museu dos Serviços Geológicos há fragmentos de cinco exemplares, além de um completo, das grutas de Palmeia. Três são providos de gola e outros três não. Nenhum contém decoração.

No Museu de Torres Vedras há um exemplar com gola e sem desenho recolhido na necrópole do Cabeço da Arruda (Torres Vedras) (7).

Também na Samarra (Sintra) se encontrou um exemplar com ornatos (8). O facto deste exemplar conter na parte inferior três perfurações, leva-nos a incluir neste agrupamento um anel de osso proveniente do dolmen do Monte Abraão, que tendo o diâmetro dos recipientes das outras estações, é de altura muito reduzida e contém os mesmo orifícios junto da abertura inferior (9). Também em Vila Nova de S. Pedro se recolheu um anel semelhante, Fig. 3, n.º 3, certamente resto de um pequeno vasito.

Em Alapraia não se encontrou nenhum recipiente deste tipo.

Fora do país, na nação vizinha, também se recolheram alguns exemplares de vasitos de osso com desenhos em Los Millares (10). Siret refere outro de Gor (Granada), proveniente do dólmen. n.º 5 (11).

* * *

Seria deveras curioso abordar o problema da cronologia destes recipientes, cuja distribuição damos na Fig. 4, mas para um caso desta natureza precisávamos de dados seguros quanto às suas condições de achado,

(6) Georg und Vera Leisner, *Die Megalithgräber*, 1943, Tafel 160, 6.

(7) Leonel Trindade e O. da Veiga Ferreira, «A necrópole do Cabeço da Arruda (Torres Vedras)», *Anais da Faculdade de Ciências do Porto*, tomo XXVIII, Porto, 1956.

(8) J. Camarate França e O. de Veiga Ferreira, «Estação pré-histórica da Samarra (Sintra)», *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, tomo XXXIX, Lisboa, 1958, pág. 61.

(9) Carlos Ribeiro, *Estudos pre-históricos em Portugal*, Lisboa, 1880, pág. 56.

(10) Georg und Vera Leisner, *Die Megalithgräber*, Tofel 160, 6.

(11) L. Siret, «L'Espagne préhistorique», *Revue des Questions Scientifiques*, Octobre 1893, Bruxelles, 1893, fig. 234, pág. 53.

e esses, podemos dizer que ou tem falhado, ou as poucas observações feitas não permitem ainda uma solução satisfatória para todos os casos.

Assim, dissemos que nas grutas de Cascais se haviam recolhido dois vasitos de osso, um na escavação de 1876, outro nas operações de limpeza de 1946.

Quanto ao de 1876, não podemos tirar outra conclusão senão a da sua presença. Do de 1946 não sabemos se estava no fundo, se nalguma cavidade das paredes laterais que as condições de trabalho de 1876 não permitiram esvasiar completamente.

Há, de facto, em nosso entender, materiais pré-campaniformes nas grutas de Cascais, mas tratando-se de uma necrópole sujeita a remeximentos, mesmo na ocasião dos enterros, não nos parece provável admitir dentro delas uma estratigrafia.

Na gruta II de Alapraia, escavada toda com a nossa presença, pudemos observar que os materiais campaniformes se encontravam desde a base, estando de permeio os dois fragmentos de copos ou floreiras, característicos do estrato *Vila Nova I* no castro de Vila Nova de S. Pedro, mas que também se estendem ao estrato *Vila Nova II*.

O povoado da Parede, onde também se deparou com um estrato pré-campaniforme, sobre o qual se encontram terras remexidas pelos trabalhos agrícolas e contendo de permeio cerâmicas campaniformes, mais nos vem confirmar a existência daquele.

Haverá, quanto a nós, materiais característicos de um estrato dentro de um terreno que se conservou sem remeximento, mas não nos parece de admitir a sua existência dentro de uma gruta totalmente sepulcral, com enterramentos que não foram todos feitos ao mesmo tempo, e em que se procurou espaço para os últimos à custa dos primeiros.

E já que falámos em estratos, seja-nos permitida uma rectificação ao que dissemos quando relatámos a escavação de 1952 em Vila Nova de S. Pedro (12).

Neste ano estávamos ainda na infância do estrato, começado a aparecer na campanha anterior (13). Dissemos então que junto da muralha,

(12) Afonso do Paço, «Castro de Vila Nova de S. Pedro: X — Campanha de Escavações de 1956 (20). Aditamentos: Campanhas de escavações de 1952, 1953 e 1954. *Anais da Academia Portuguesa da História*, vol. 8, II série, Lisboa, 1958.

(13) Afonso do Paço e Maria de Lourdes Arthur, «Castro de Vila Nova de S. Pedro: — 15.^a Campanha de escavações», *Broteria*, vol. LIV, Lisboa, 1952.

no interior do castro, em terreno que demos como sendo de *Vila Nova I*, tinham aparecido dois fragmentos de vasito de osso e um pequeno ídolo cilíndrico também desta substância.

Estranhámos o achado daqueles materiais a tamanha profundidade, e procurámos nos anos seguintes constatar o facto noutros locais, isto é verificar se na verdade tais vasitos se encontravam já no estrato mais antigo. Tentámos por todos os meios ao nosso alcance, um melhor esclarecimento do caso, mas até ao corrente ano de 1960, só naquele lugar nos apareceram tais materiais dentro do estrato *Vila Nova I*.

Levados pelo rigor científico de que sempre usamos, vimos relatar este facto, e dizer que baseados no que observamos noutros locais, fica sempre em nós uma pontinha de dúvida até que o caso possa ser cabalmente esclarecido. De facto, tais vasitos e cilindros, recolhidos é certo, em estações sem dados stratigráficos, apenas se têm manifestado em conjuntos de cultura campaniforme. Contudo as agulhas fazem a sua aparição já no estrato *Vila Nova I* (14).

Quanto à falange de bóvdeo nada podemos afirmar. Diremos apenas que na gruta da Bugalheira, os dois exemplares aí recolhidos faziam parte de um conjunto sem campaniforme (15).

Lisboa, Dezembro de 1960.

AFONSO DO PAÇO

(14) Para um estudo completo das indústrias de osso do castro de Vila Nova de S. Pedro, veja-se: — Afonso do Paço: «Castro de Vila Nova de S. Pedro: XII — Alguns objectos de osso e de marfim», *Zephyrus*, vol. XI, Salamanca, 1960.

(15) Afonso do Paço, Maxime Vaultier e George Zbyszewski, «Nota sobre a lapa da Bugalheira», Actas do I.º Congresso Nacional de Ciências Naturais Lisboa 1941, *Boletim da Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais*, vol. XII, Lisboa, 1942.

SUMMARY

The hill-fort of **Vila Nova de São Pedro**, situated on the surroundings of Cartaxo, 70 km north of Lisbon, is a neolithic village that presents the uncommon feature of being surrounded by a double wall provided with semicircular sentry-towers, and contains the remains of a vaulted pottery furnace.

In its palmy days it was probably a remarkable industrial center of flint, bone and ceramic articles, besides being in possession of an important copper metallurgy.

In this hill-fort were found residues of a pre — Beaker stratum that was called **Vila Nova I**, to contrast with another occupation of level rich in copper articles and campaniform pottery which we called **Vila Nova II**. However most of the articles were collected from the area of tilled ground, thus without stratigraphy.

Amongst the bone objects of this hill-fort there are a group of bone jars of reduced size particularly noteworthy. Most of them are nicely carved and we presume they were used as containers of feminine beauty products.

The remaining bone objects of this remarkable hill-fort were considered in an article published in the periodical *Zepirus* (vol. XI, Salamanca 1960).

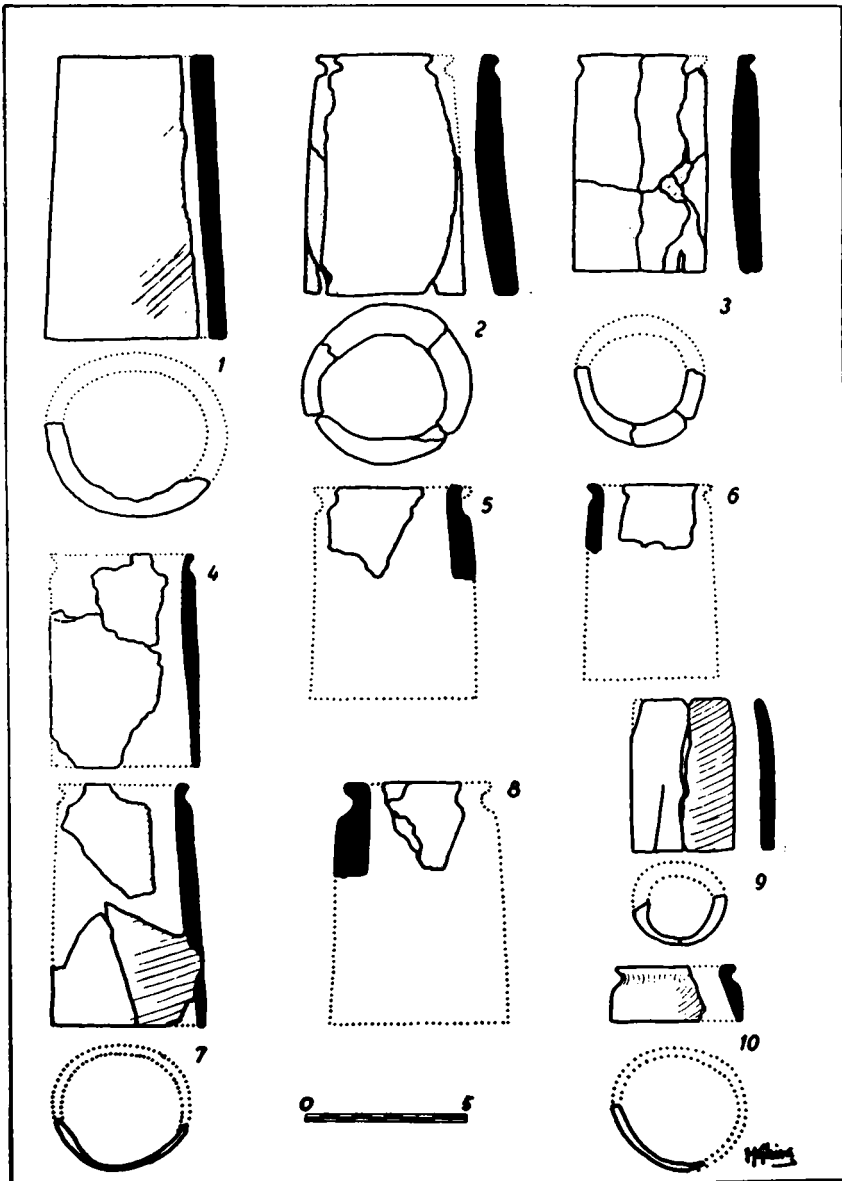


FIG. 1 — Recipientes de osso: sem gola e sem desenhos (1); com gola e sem desenhos (2-10).

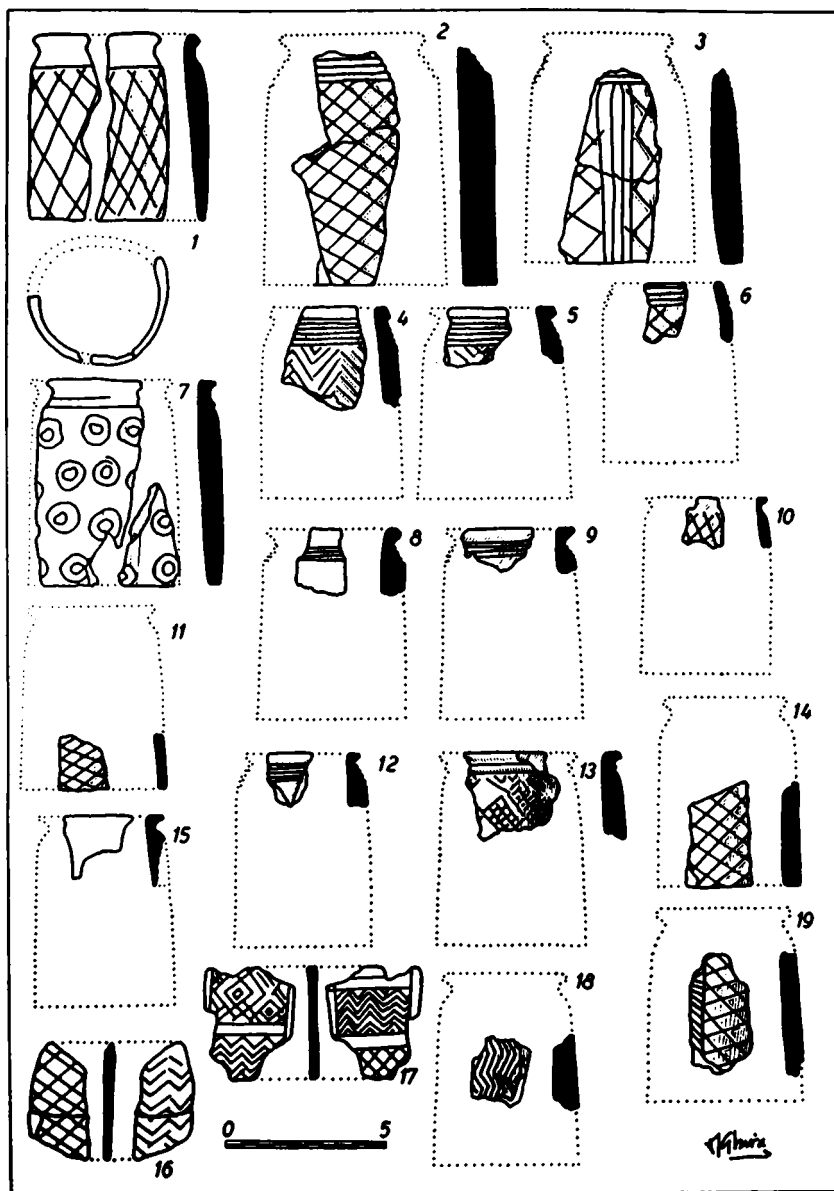


FIG. 2 — Recipientes de osso: Com gola e sem desenho (8, 9, 12 e 15); com a face exterior ornamentada (1-7, 10, 11, 13, 14, 18 e 19). Placas de osso ornamentadas nas duas faces (16 e 17).

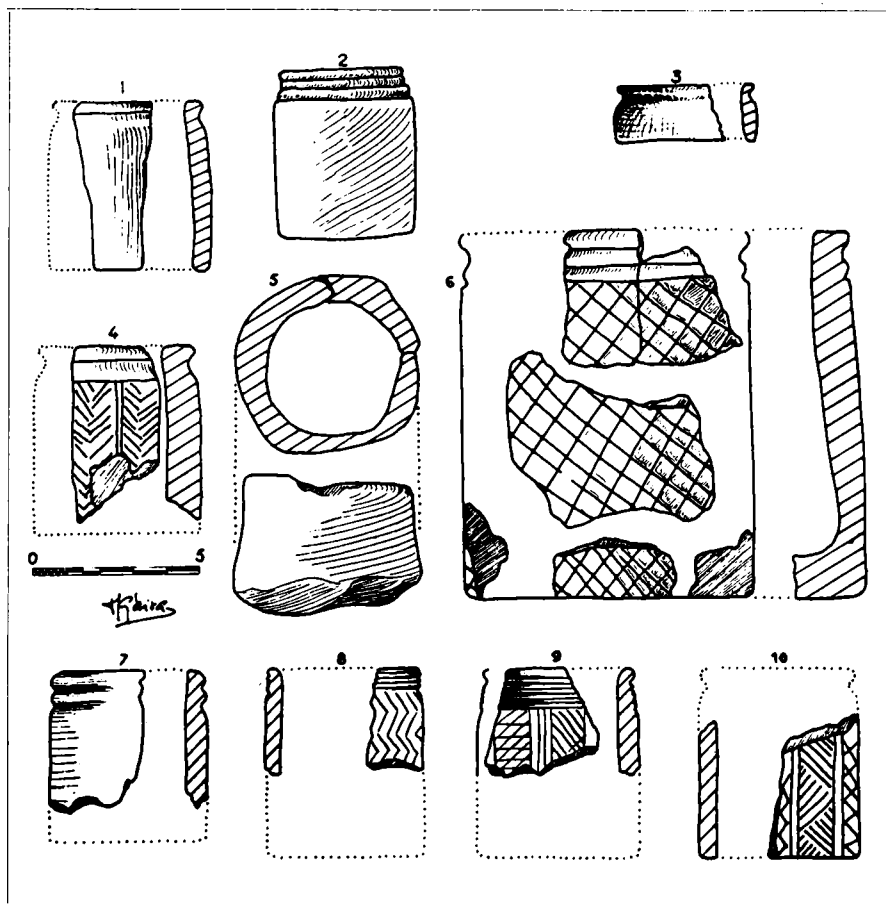


FIG. 3 — Recipientes de osso: com gola e sem desenho (1, 3); com desenho (4, 8, 9, 10); recipiente aberto na extremidade de um osso longo (5). Recipientes de calcário (2, 6). Os exemplares n.ºs 7-10 pertencem ao Museu de Alenquer.

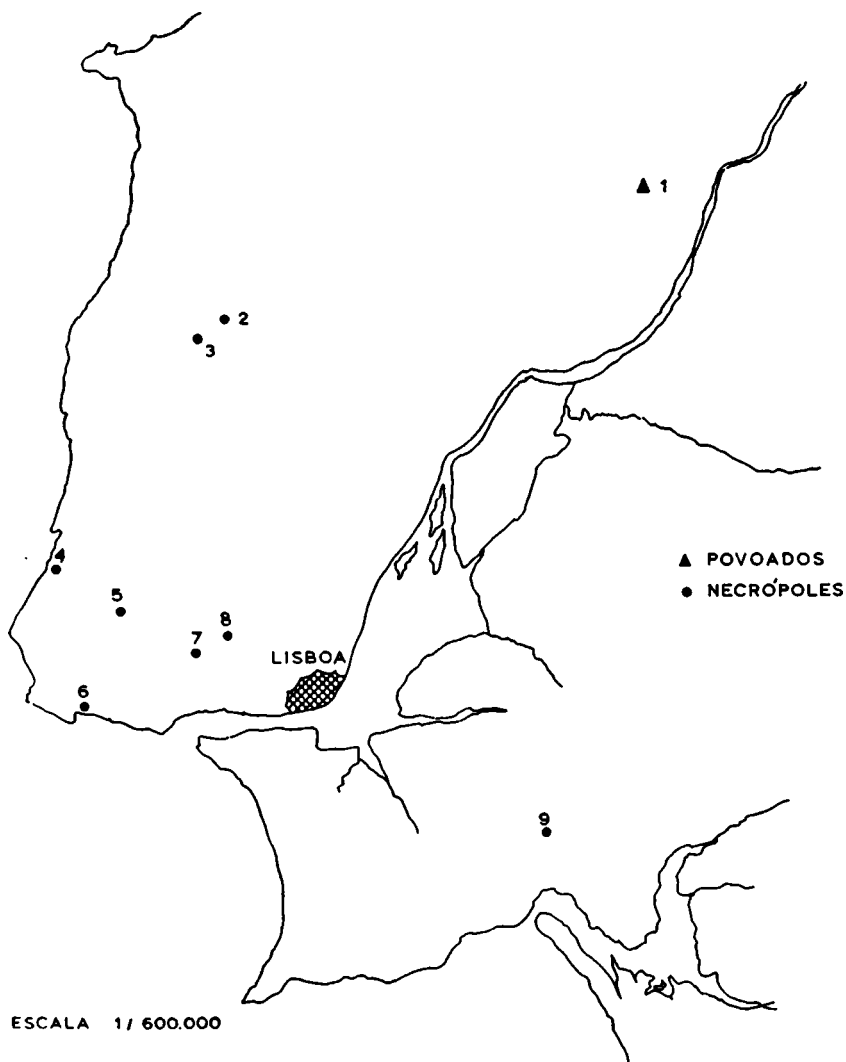


FIG. 4 — Distribuição dos recipientes de osso em Portugal: 1—Vila Nova de S. Pedro; 2 — Cabeço da Arruda; 3 — Barro; 4 — Samarra; 5 — S. Martinho; 6 — Cascais; 7 — Monte Abraão; 8 — Belas; 9 — Palmeia.